

Cícero: obra e recepção

**Isabella Tardin Cardoso,
Marcos Martinho (coords.)**

CÍCERO EM SÊNECA (Cicero in Seneca)

ALDO SETAIOLI (aldosetaioli@tin.it)
Università di Perugia

RESUMO: Primeiramente, em mais de uma obra, Sêneca cita o nome de Cícero de acordo com o costume das declamações, em que aquele é exemplo do bom cidadão que foi injustiçado; depois, porém, nas *Epístolas a Lucílio*, Sêneca passa a tratar Cícero de acordo com seu julgamento da correspondência deste. Então, considera que Cícero não soube manter-se impassível às vicissitudes da vida, diferentemente de Catão de Útica, que não se deixou abater pela derrota política. Além de diminuir a estatura moral de Cícero, porém, Sêneca emula com este na prática epistolar, por exemplo, reivindicando a superioridade da matéria de suas cartas, ricas em lições filosóficas sobre a vida prática, sobre a das cartas de Cícero, cheias de mexericos políticos e mundanos.

PALAVRAS-CHAVE: recepção de Cícero; Sêneca; epistolografia; Catão o Jovem.

ABSTRACT: In his early works, Seneca mentions Cicero according to the declamatory usage, so that the Orator is introduced as an example of the good citizen who becomes victim of injustice; then, in the *Epistles*, Seneca starts presenting Cicero in the light of his judgement of Cicero's correspondence. From this he gathers that Cicero could not help being deeply affected by the vicissitudes of life, whereas Cato was never laid low by political defeat. While putting Cicero in perspective, Seneca also competes with him in the art of writing letters. Thus he claims the superiority of the subject of his letters, rich in philosophical lessons about everyday life, over the subject of the letters of Cicero, full of political and worldly gossip.

KEYWORDS: reception of Cicero; Seneca; epistolography; Cato the Younger.

1. O EXEMPLO DE CÍCERO

A postura e as opiniões de Sêneca nos confrontos com aquele que à sua época já era reconhecido há tempos como o máximo representante da prosa literária romana constituem uma voz importante no acirrado debate sobre a figura de Cícero, debate que foi um dos aspectos majoritariamente caracterizantes do primeiro período imperial. Elas assumem um interesse ainda maior, pois, como veremos, o filósofo Cordovês conseguiu superar de diversas maneiras os estereótipos de sua época e aprofundar a sua posição através, por um lado, da utilização de documentos originais – procedimento nada comum em seu tempo – e, por outro, baseando-se em uma implícita porém inequívoca emulação pessoal nos confrontos com o grande predecessor, perceptível em toda sua postura em relação a este último, mesmo – e sobretudo – quando define com clareza a sua própria variação e originalidade em relação a Cícero.

Cícero não era somente o maior prosador da literatura romana, mas também era uma figura dotada de personalidade própria particular e um dos protagonistas do momento histórico crucial da crise da república, destinada a resultar bem rapidamente na afirmação definitiva do principado. É então natural que Sêneca se interesse por Cícero em seu aspecto duplo de homem público e privado, por um lado, e de escritor e literato, por outro¹.

A importância que Sêneca atribui a Cícero já resulta do fato de que ele recorre ao seu nome para exemplificar o conceito de espécie em relação ao gênero. Na Epístola 58 a Lucílio, o nome de Cícero vem escolhido em duas passagens vizinhas para representar o ser humano individual em relação à humanidade em geral e às suas subdivisões ulteriores². Na primeira passagem, Cícero aparece em companhia de Catão e Lucrécio, na segunda apenas de Catão. Eis a primeira passagem: “o conceito de homem é geral; contém em si as espécies das várias nacionalidades: gregos, romanos, partos; das cores: brancos, negros, loiros; dos indivíduos: Catão, Cícero, Lucrécio”. E a segunda: “o homem como conceito geral não é visível aos nossos olhos, mas o são os indivíduos, como Cícero e Catão”. Na primeira passagem, o nome de Lucrécio, que aparece em terceiro lugar, tem a exclusiva função retórica de formar com os outros dois um *trikolon* elaborado para equilibrar os dois que o precedem (“gregos, romanos e partos” e “brancos, negros e loiros”). Portanto, os dois indivíduos escolhidos primariamente para exemplificar, e por isso mesmo simbolizar, o gênero humano são Cícero e Catão, os únicos que restam na segunda passagem. Veremos em breve o significado que Sêneca atribui a essa combinação. Todavia, se de um lado essa escolha confirma a centralidade da figura de Cícero para Sêneca, mostra de outro que o nosso filósofo pode considerar o orador como o representante de uma categoria geral ou, como logo veremos, uma personagem exemplar, ao invés de um indivíduo real e concreto.

O nome de Cícero é selecionado também em outro lugar como exemplo individual para ilustrar um princípio geral: um objeto pode pertencer a pessoas diversas de diferentes maneiras; assim, diz Sêneca, os mesmo livros são de Cícero enquanto autor e do livreiro Doro enquanto proprietário³; e, em função exemplar,

¹ Grimal (1984, p. 662) observa que Sêneca considera Cícero sob três pontos de vista: como personagem exemplar (que vinha representado, por exemplo, nas escolas de retórica); como ser humano concreto, com suas emoções e fraquezas; e, por fim, como orador e escritor. Gambet (1970) distingue cinco aproximações de Sêneca à figura de Cícero (o filósofo, o escritor, o estilista, o político, o homem). Antes, Lavery (1965, p. 97-112) havia ordenado os textos senequianos sobre Cícero em quatro grupos, cada qual seguido de um breve comentário: questões literárias; Cícero como autoridade; como *exemplum*; vida do orador. Outros trabalhos dedicados a Sêneca em ligação com Cícero são: Moreschini, 1977; Griffin, 1988. Martín Sánchez, 1989 contém somente uma resenha de passagens senequianas sobre Cícero.

² Sen. *Ep.* 58, 12: *homo genus est: habet enim in se nationum species, Graecos, Romanos, Parthos; colorum, albos, nigros, flavos; habet singulos, Catonem, Ciceronem, Lucretium*; 58, 16: *homo generalis sub oculis non venit, sed specialis venit, ut Cicerio et Cato.*

³ Sen. *De ben.* VII 6, 1 *libros dicimus esse Ciceronis; eosdem Dorus librarius suos vocat, et*

o Arpinate aparece em outras duas passagens, nas quais, entretanto, é claramente perceptível a marca da retórica escolar. Trata-se provavelmente⁴ das mais antigas menções a Cícero que aparecem na obra senequiana chegada a nós. Na *Consolatio ad Marciam*, o orador é citado para ilustrar o motivo consolatório da *mors opportuna*⁵: se tivesse sido morto no momento de sua máxima glória, logo depois da repressão à conjuração de Catilina, teria evitado as dores e as amarguras que o futuro lhe reservava; e no *De Ira*, o seu exílio e a sua morte servem para exemplificar os estímulos à indignação suscitada pelo teatro, pela história e pela literatura⁶. Os temas evocados – principalmente o segundo – constituem um motivo fixo nos exercícios retóricos, o que é demonstrado inclusive em algumas *suasoriae* que se encontram na obra do pai de Sêneca (*Suas.* 6 e 7.). O Cícero que encontramos nessas passagens não é o homem real, mas sim a personagem das declamações.

Um estereótipo semelhante é identificável também nos textos senequianos onde o nome do orador faz parte de um elenco de personagens às quais a tradição retórica, da qual o próprio Sêneca pode ser considerado um representante significativo, atribuía um papel exemplar de símbolos morais. Há assim duas passagens onde Cícero aparece na lista de bons cidadãos que foram mal recompensados pelo destino e pela pátria: na primeira (*Sen. Tranq.* 16, 1), se encontra na companhia de Sócrates, Rútílio, Pompeu e Catão; na segunda (*Sen. Ben.* V 17, 2), é junto com Camilo e novamente com Rútílio e Catão. O fato de que em um elenco análogo no *De Providentia*⁷ (3, 4-14) o nome de Cícero não aparece pode ser casual, mas pode talvez indicar⁸ que nesse momento Sêneca não mais considera o orador um bom *exemplum* estereotipado para uma *suasoria*, mas começa a formar uma opinião mais pessoal e aprofundada da personagem real, que o impede de colocá-la na galeria dos modelos abstratos consagrados pela tradição retórica.

Uma evolução do gênero, como veremos, pode ser facilmente reconhecida na obra senequiana, principalmente no que diz respeito à valoração do indivíduo privado; mas talvez seja possível reconhecê-la também nas opiniões do filósofo sobre a ação pública do Cícero político. Nas escolas de retórica, a oposição do grande orador a Antônio era exaltada, como fica evidente também nas *suasoriae* reportadas pelo pai de Sêneca; e, naturalmente, também era exaltado o seu

utrumque verum est: alter illos tamquam auctor sibi, alter tamquam emptor adserit.

⁴ Como observa Grimal (1984, p. 657-658).

⁵ *Sen. Marc.* 20, 5: *M. Cicero si illo tempore quo Catilinae sicas devitavit, quibus pariter cum patria petitus est, concidisset, liberata re publica servator eius, si denique filiae suae funus secutus esset, etiam tunc felix mori potuit. Non vidisset strictos in civilia capita mucrones nec divisa percussoribus occisorum bona, ut etiam de suo perirent, non hastam consularia spolia vendentem nec caedes locatas publice nec latrocinia, bella, rapinas, tantum Catilinarum.*

⁶ *Sen. De ira* II 2, 3: *hic [ictus animi] subit etiam inter ludicra scaenae spetacula et lectiones rerum vetustarum. Saepe Clodio Ciceronem expellenti et Antonio occidenti videmur irasci.*

⁷ São nomeados Múcio Cévola, Fabrício, Rútílio, Atílio Régulo, Sócrates, Catão.

⁸ Como sustenta Grimal (1984, p. 659-660).

consulado, que o viu defender vitoriosamente o estado romano contra a conjuração de Catilina. Característica da época contemporânea de Sêneca, esta atitude comum nas escolas de retórica encontra expressão no romance de Petrônio, no primeiro dos numerosos *intermezzi* poéticos inseridos na narrativa em prosa, discutidos detalhadamente em um recente livro meu⁹. No capítulo 5 dos *Satyrica*, o rétor Agamêmnon expõe em versos o seu programa educativo, e põe no apogeu da carreira escolar do aluno os *grandia verba* do ‘indômito’ Cícero, ou seja, a sua oratória política representada em primeiro lugar pelas *Filípicas* e pelas *Catilinárias*. Na passagem já discutida da *Consolatio ad Marciam* (20, 5; cf. *supra* n. 5), Sêneca apresenta uma opinião incondicionalmente positiva da ação política de Cícero contra Catilina, enquanto em um texto mais tardio, o *De Brevitate Vitae*¹⁰, a avaliação da atividade pública do grande orador, ainda que no geral positiva¹¹, não é isenta de fortes reservas, que dizem respeito sobretudo ao temperamento moral do Arpinate; e o seu consulado vem caracterizado com as célebres palavras *non sine causa sed sine fine laudatus*.

É possível que o filósofo seja em parte devedor das célebres opiniões sobre Cícero formuladas por Tito Lívio e por Asínio Polião, ambos seguramente conhecidos por Sêneca, uma vez que são encontrados reportados na obra retórica de seu pai (*Suas.* 6, 22. 24); isso parece ser confirmado pela precisa correspondência textual. Sêneca escreve que Cícero era incapaz de descansar tranquilo e satisfeito com a fortuna e de suportar com resignação as desgraças (*nec secundis rebus quietus nec adversarum patiens*). Tais palavras são próximas à opinião de Lívio sobre o orador, que a seu modo de ver não foi capaz de suportar nenhuma desgraça de maneira digna de um homem (*omnium adversorum nihil ut viro dignum erat tulit*), e à de Polião, que exclama: “oxalá houvesse se portado com maior moderação na fortuna e com maior força de ânimo na desgraça!” (*utinam moderatius secundas res et fortius adversas ferre potuisset!*). Mas é inegável que a opinião de Sêneca

⁹ Para os *grandia verba* de Cícero de Petr. 5, 20, cf. Setaioli, 2011, p. 35-36.

¹⁰ Sen. *Brev.* 5, 1-3: *M Tullius Cicero inter Catilinas Clodios iactatus Pompeiosque et Crassos, partim manifestos inimicos, partim dubios amicos, dum fluctuatur cum re publica et illam pessum eunte tenet, novissime abductus, nec secundis rebus quietus nec adversarum patiens, quotiens illum ipsum consulatum suum non sine causa sed sine fine laudatum detestatur! Quam flebiles voces exprimit in quadam ad Atticum epistula iam victo patre Pompeio, adhuc filio in Hispania fracta arma refovente! 'Quid agam' inquit 'hic quaeris? Moror in Tusculano meo semiliber'. Alia deinceps adicit quibus et priorem aetatem complorat et de praesenti queritur et de futura desperat. Semiliberum se dixit Cicero: at mehercules numquam sapiens in tam humile nomen procedet, numquam semiliber erit, integrae semper libertatis et solidae, solutus et sui iuris et altior ceteris. Quid enim supra eum potest esse qui supra fortunam est?*

¹¹ Gambet (1970, p. 179) afirma que Sêneca minimiza o papel político de Cícero, tornando-o um espectador passivo da queda da república. Cabe lembrar, no entanto, que os seus esforços para salvá-la são realçados. Ao fim, é verdade, foi derrotado (*novissime abductus*), mas nisso não foi diferente de Catão. A diferença entre os dois reside somente na falta, por parte de Cícero, da *constantia* da qual daria prova o herói estoico.

baseia-se primeiramente na fonte escrita pelo próprio Cícero, contido em uma carta citada e utilizada pelo filósofo.

Este texto, todavia, coloca um problema não pequeno. Os manuscritos de Sêneca dão a versão *in quadam ad Atticum epistula* (“em uma carta dirigida a Ático”), e pouco depois apresentam uma citação textual desta carta: “me perguntas o que faço aqui? Demoro-me em minha vila em Túsculo, semilivre” (*quid agam... hic quaeris? Moror in Tusculano meo semiliber*). As palavras citadas não se encontram em nenhuma das cartas de Cícero a Ático que nos chegaram. Muitos estudiosos aceitam a correção, proposta por Justus Lipsius, das palavras *ad Atticum* para *ad Axium*. Tratar-se-ia, portanto, de uma carta escrita não para Ático, mas para Áxio, um outro correspondente a quem Cícero enviou cartas depois reunidas em vários livros, mas que foram totalmente perdidas. Outros, como Alfonso Traina (1972, p. 12), consideram, em vez disso, que Sêneca se referia a uma carta a Ático conservada, correspondente à data e à proveniência fornecida pelo filósofo (da vila de Túsculo, depois da derrota de Pompeu)¹². Nela aparece o termo *semiliber*, que não se encontra em nenhum outro lugar nos escritos ciceronianos a nós conhecidos e era capaz, sem dúvida, de chamar a atenção. Não é impossível que isso tivesse permanecido na memória de Sêneca e que ele houvesse depois reelaborado livremente o texto daquela carta. Não se deve esquecer, todavia, que o filósofo faz ainda outra alusão ao conteúdo da epístola, afirmando que nela Cícero exprimia opiniões pessimistas sobre o passado, o presente e o futuro (Sen. *Brev.* 5, 2: *alia deinceps adicit quibus et priorem aetatem complorat et de praesenti queritur et de futura desperat*; cf. *supra* n. 10), e parece também acenar a outras cartas onde Cícero amaldiçoava repetidamente o próprio consulado. Nada disso aparece na carta a Ático onde se encontra o termo *semiliber*, e nem nessa e nem nas outras cartas Cícero chega a amaldiçoar o próprio consulado¹³.

Seja ou não comprovável a citação senequiana, se aludia ou não a uma carta real a Ático, o importante é que o filósofo, pelo menos em intenção, se preocupa em basear a sua opinião em uma fonte epistolar de primeira mão. São as próprias cartas de Cícero que, segundo Sêneca, demonstram inconfundivelmente que o orador não soube portar-se com a firmeza própria do sábio estoico, firmeza que o nosso filósofo atribui decididamente em contrapartida a um contemporâneo de Cícero, que não se deixou abater pela derrota política: Catão de Útica. Diferentemente deste último, a carta do Arpinate demonstra sem sombra de dúvida que ele não soube manter-se superior aos golpes do destino. E essa opinião, fundada na fonte direta dos escritos de Cícero, permite entender que a falta

¹² Trata-se de Cic. *Att.* XIII 31, carta enviada em 28 de maio de 45 a. C. a partir da vila de Túsculo. No parágrafo 3 aparece a frase *obsecro, abiciamus ista et semiliberi saltem simus*.

¹³ Essa maldição não aparece em nenhuma carta supérstite. O texto mais próximo é Cic. *Quint.* I 3, 1: *meus ille laudatus consulatus mihi te, patriam, fortunas, tibi velim ne quid eripuerit praeter unum me*. Cf. Gambet, 1970, p. 181, n. 41.

do nome do orador no elenco dos modelos éticos do texto acima citado do *De Providentia* reflete uma avaliação fundada não mais nos estereótipos retóricos, e sim na análise pessoal das ‘confissões’ reveladas pelo Arpinate em sua própria correspondência.

Não é impossível encontrar em seus escritos uma marca do afastamento dos esquemas retóricos tradicionais com base em um estudo de primeira mão das fontes extraídas de Cícero, inclusive em uma das primeiras cartas a Lucílio (Sen. *Ep.* 11, 8-10). Retomando uma máxima epicurista também citada em outro lugar de forma ligeiramente diversa (Sen. *Ep.* 25, 4-6; cf. Setaioli, 1988, p. 194-197), Sêneca exorta o amigo a eleger uma personagem exemplar para propor como norma e modelo ético. O primeiro desses modelos é naturalmente Catão; mas uma vez que a filosofia senequiana não é destinada para os sábios perfeitos, e sim para os *proficientes*, ou seja, para aqueles que procuram progredir no caminho da virtude, um modelo menos rígido e austero aparece logo depois: Lélío, o amigo de Cipião Emiliano¹⁴. Para Sêneca, o ideal ético e o ideal cultural são inseparáveis, como procurei demonstrar em um estudo¹⁵; também nessa passagem é especificado que devem ser exemplares tanto a vida como a expressão (*vita et oratio*) do modelo escolhido. O Cícero que Sêneca havia aprendido a conhecer através das cartas não podia mais, portanto, ser colocado ao lado da figura perfeitamente estoica de Catão. Mas a de Lélío, que o substituí, havia recebido um caráter de exemplaridade justamente por parte de Cícero; e não é por acaso que Lélío venha explicitamente indicado pelo orador como sua personagem ponto de referência em uma célebre carta a Pompeu: “permita, lhe diz Cícero, tu que és muito superior ao Africano, que eu esteja ao teu lado pública e privadamente, como figura não muito inferior a Lélío”¹⁶. A influência do Arpinate, e em particular de sua epistolografia, viria assim confirmada no mesmo momento em que sua figura perde a função ética exemplar que a permitia outrora ser estabelecida como modelo tal qual Catão.

2. A CORRESPONDÊNCIA CICERONIANA

O uso que Sêneca faz da epistolografia ciceroniana, e em particular das cartas a Ático, é de capital importância para determinar a sua postura nos confrontos com o grande predecessor. Nas *Epistulae ad Lucilium*, escritas pelo filósofo perto do fim de sua vida, são citadas passagens daquelas que encontram

¹⁴ Sen. *Ep.* 11, 10: *elige itaque Catonem: si hic tibi videtur nimis rigidus, elige remissioris animi virum Laelium. Elige eum cuius tibi placuit et vita et oratio et ipse animum ante se ferens vultus; illum tibi semper ostende vel custodem vel exemplum.*

¹⁵ Cf. Setaioli, 1985, agora em Setaioli, 2000, p. 111-217 (com os *Aggiornamenti*, p. 397-408).

¹⁶ Cic. *Fam.* V 7, 3: *ut tibi [Pompeio] multo maiori quam Africanus fuit me non multo minorem quam Laelium facile et in re publica et in amicitia adiunctum esse patiare.*

respaldo na coleção ciceroniana chegada a nós; mas, de qualquer modo como se queira julgar a fonte ora examinada do *De Brevitate Vitae*, existem indícios que induzem a entender que ele a conhecesse ao menos ao tempo do exílio em Córsega, como veremos em breve¹⁷. A propósito, isso é mais um argumento contra a difundida tese da publicação da epistolografia a Ático somente ao tempo de Nero, tese aceita por muitos, inclusive pelo editor das cartas, D. R. Shackleton Bailey, que eu acredito ter crivelmente refutado em um artigo de muitos anos atrás (Setaioli 1976).

Em uma carta a Lucílio, Sêneca utiliza a epistolografia a Ático como um estudioso moderno faria (Grimal, 1984, p. 665): como fonte histórica confiável para documentar um fato contemporâneo ao orador, particularmente o escândalo da participação de Clódio nos rituais exclusivamente femininos da *Dea Bona*¹⁸. Isso depõe a favor da agudeza crítica de Sêneca, mas põe em segundo plano a função acima apontada das cartas: a de norma sobre a qual se deve fundamentar a opinião moral a ser emitida sobre o próprio autor. Confirma isso o fato de que, ao final da passagem, depois dos nomes de Pompeu e César, que simbolizam os grandes expoentes da política da época, o de Cícero aparece novamente apoiado pelo de Catão, no evidente papel de modelo ético, um papel e uma aproximação que, como já vimos na passagem do *De Brevitate Vitae* acima discutida, a evidência exposta pela correspondência do Arpinate torna impossível, pois revela a distância por parte do orador do ideal estoico personalizado por Catão.

Mas mesmo discutindo uma carta a Ático, Sêneca encontra uma maneira de reafirmar a distância de Cícero daquele ideal, que ele considera essencial perseguir, ainda que ciente da própria imperfeição. Preparando-se para satisfazer Lucílio, que lhe havia solicitado cartas mais frequentes, o filósofo lhe anuncia não querer por este motivo renunciar a tratar nas cartas de problemas éticos de interesse comum, em vista do melhoramento de si e dos outros. Nesse contexto, Sêneca cita uma carta a Ático colocando-se em sincera oposição a Cícero, que exortava o amigo a escrever qualquer coisa que lhe viesse à mente, e que, de sua parte, preenchia a sua correspondência com mexericos políticos e mundanos¹⁹. Para além da evidente e não surpreendente incompreensão das circunstâncias da vida política republicana, é claro que Sêneca reivindica a superioridade dos

¹⁷ Demonstrar-se-á que o interesse pela epistolografia a Ático não é limitado às *Epistulae ad Lucilium*, como afirma, por exemplo, Griffin, 1988, p. 136.

¹⁸ Sen. *Ep.* 97, 3-8, que cita e reelabora Cic. *Att.* I 16, 5.

¹⁹ Sen. *Ep.* 118, 1-2: *nec faciam quod Cicero, vir disertissimus, facere Atticum iubet, ut etiam 'si rem nullam habebit, quod in buccam venerit scribat'* (Cic. *Att.* I 12, 4). *Numquam potest deesse quod scribam, ut omnia illa quae Ciceronis implent epistulas transeam: quis candidatus laboret; quis alienis, quis suis viribus pugnet; quis consulatum fiducia Caesaris, quis Pompei, quis arcae petat; quam durus sit fenerator Caecilius, a quo minoris centesimis propinqui nummum movere non possint* (Cic. *Att.* I 12, 4). *Sua satius est mala quam aliena tractare et videre quam multarum rerum candidatus sit et non suffragari.*

conteúdos de suas cartas a Lucílio sobre a epistolografia que devia ser considerada um clássico em seu gênero (Griffin, 1988, p. 136). Para nós, é fácil cotejar a diferença entre as cartas de Cícero, escritas ao amigo para dar e receber notícias, sem intenções literárias e muito menos filosóficas, e as cartas de Sêneca, verdadeiros e autênticos ensaios éticos destinados à publicação. Portanto, parece deduzir-se daí o fato de que a epistolografia a Ático não corresponda ao princípio formador das cartas senequianas, princípio claramente expresso também nesse contexto (“é melhor ocupar-se dos próprios males do que daqueles dos outros” – *sua satius est mala quam aliena tractare*), e que pode ser sintetizado pela eficaz formulação de outra carta: “examino-me primeiro, e depois o mundo” (Sen. *Ep.* 65, 15: *me prius scrutor, deinde hunc mundum*).

Mas a reivindicação senequiana de superioridade dos conteúdos não tem, provavelmente, somente a função de confirmar a já adquirida conclusão de que a correspondência ciceroniana demonstra que o orador não foi um sábio estoico tal qual seu contemporâneo Catão, nem de adicionar que não é nem um *proficiens* que progride no caminho da virtude, como Sêneca e seu destinatário, que se esforçam em perseguir o crescimento moral. Ela é verossimilmente fundada também na postura de emulação literária assumida por Sêneca nos confrontos com o ilustre predecessor.

Em uma carta a Lucílio pertencente ao primeiro grupo, no qual tomam grande parte as citações de sentenças epicuristas, o filósofo declara que apenas as cartas de Cícero tornaram imortal o nome de Ático, assim como Epicuro tornou os nomes de seus correspondentes, e prediz a Lucílio o mesmo destino, devido à acolhida favorável que suas epístolas desfrutarão da parte dos pósteros²⁰. Os dois grandes predecessores vêm citados como máximos representantes do gênero epistolar, independentemente do caráter e do conteúdo das cartas. Sêneca que, através do argumento filosófico de sua correspondência se aproxima principalmente de Epicuro, situa-se, como quer que seja, na tradição que tem a epistolografia ciceroniana como maior representante em Roma. Ele reivindica para si a própria capacidade de transmitir aos pósteros o nome de seu correspondente. A insistência da carta mais tardia acima citada sobre a diversidade de suas cartas e sobre a superioridade de seus conteúdos em relação aos de Cícero deve provavelmente ser vista no quadro desse confronto à distância entre sua epistolografia e a do orador.

Por outro lado, um movimento de emulação literária nos confrontos com Cícero é notável em Sêneca desde uma época em muito anterior à das *Epistulae ad Lucilium*, concernente a um gênero literário diverso, mas provavelmente já

²⁰ Sen. *Ep.* 21, 4 : *quis Idomeneia nosset nisi Epicurus illum litteris suis incidisset?... Nomen Attici perire Ciceronis epistulae non sinunt... 5 ... quod Epicurus amico suo potuit promittere, hoc tibi promitto, Lucili: habeo apud posteros gratiam, possum mecum duratura nomina ducere.*

mediado – o que antecipamos há pouco – através da epistolografia a Ático. Na *Consolatio* à mãe, escrita durante o exílio em Córsega, muitos anos antes das *Epistulae ad Lucilium*, Sêneca afirma ter consultado toda a literatura consolatória e não ter encontrado nenhum caso no qual o autor consolasse os seus entes queridos de um desastre sofrido por ele mesmo, como acontece em sua obra à mãe²¹. Ambas as declarações recordam de perto o que Cícero afirma em algumas das cartas a Ático a propósito de sua *Consolatio*, escrita para amenizar a dor pela perda da filha. Como Sêneca, também ele afirma ter lido a produção consolatória precedente completa²², e que nenhum escrito pertencente a tal gênero literário pode ser comparado ao seu, pois em nenhum deles o autor consola a si próprio de uma desgraça pessoal²³. Portanto, Cícero já se colocava em posição de *aemulatio* nos confrontos com os modelos gregos do gênero consolatório; por sua vez, Sêneca pretendia superar a *Consolatio* ciceroniana, que, como afirma Plínio o Velho, era reconhecida como um clássico latino indiscutível daquele gênero literário²⁴. Se Cícero escreve uma obra inovadora na medida em que, golpeado pela desventura, move a si mesmo à consolação, Sêneca vai ainda mais longe, pois consola outra pessoa da desgraça sofrida por ele. Como fará muitos anos depois a propósito do gênero epistolar, já nesta obra proclama sua superioridade em relação a uma obra ciceroniana considerada o exemplo clássico do gênero consolatório.

Certamente, não é possível excluir a possibilidade de que o Arpinate fizesse declarações acenadas não só nas cartas a Ático, mas também em alguma parte perdida da *Consolatio*, e que Sêneca se apoiasse diretamente nela ao invés de na epistolografia; mas ao estado de nossos conhecimentos não podemos não constatar o evidente paralelismo entre as cartas ciceronianas citadas e a *Consolatio* senequiana à mãe, onde é evidente também a postura de emulação do filósofo nos confrontos com o orador. É interessante observar que na obra consolatória Sêneca se declara superior ao predecessor por causa da acentuação da novidade da aproximação literária do tema de escrita; nas cartas mais tardias a Lucílio, a

²¹ Sen. *Helv.* 1, 2: *praeterea, cum omnia clarissimorum ingeniorum monimenta ad compescendos moderandosque luctus evolverem, non inveniebam exemplum eius qui consolatus suos esset cum ipse ab illis comploraretur*. Ficca (2001, p. 184) omite os argumentos que remetem à epistolografia a Ático, que revelam com clareza a postura senequiana de *aemulatio*, e sustenta assim que o filósofo procura “libertar-se do pesado referente ciceroniano”.

²² Cic. *Att.* XII 14, 3: *nihil enim de maerore minuendo scriptum ab ullo est quod ego non domi tuae legerim; 12.31.5 doctissimi homines... quorum scripta quaecumque sunt in eam sententiam non legi solum..., sed in mea etiam scripta transtuli; cf. XII 18, 1.*

²³ Cic. *Att.* XII 14, 3: *quin etiam feci, quod profecto ante me nemo, ut ipse me per litteras consolarer... Adfirmo tibi nullam consolationem esse talem*. Cf. Setaioli 1999, p. 145.

²⁴ Plin. *NH* “praef.” 22: consagra a posição de clássico latino da *Consolatio* ciceroniana declarando que ela deve ser aprendida de memória, assim como Panécio (*fr.* 137 van Straaten = *test.* 89 Alesse = Cic. *Ac.* II 135) afirmava que se devia fazer com o *De Luctu* de Crantor, reconhecido clássico grego do gênero consolatório.

superioridade consiste, ao contrário, no conteúdo ético e filosófico de sua epistolografia em relação aos argumentos das cartas ciceronianas.

3. OS DIÁLOGOS CICERONIANOS

Do que vimos até agora, fica evidente que Sêneca se coloca em concorrência com o grande clássico representado em Roma pela obra literária de Cícero, pelo menos desde o tempo do exílio em Córsega. Ele mostra conhecer do Arpinate não apenas a epistolografia e a *Consolatio*, mas também os discursos (como demonstra uma citação do *Pro Milone*²⁵), a produção em versos, sobre a qual haveremos de tornar, e principalmente as obras filosóficas. A relação de Sêneca com estas últimas coloca problemas particulares, na medida em que ele é também autor de escritos filosóficos, os maiores da literatura latina, ao lado de Cícero. As diferenças entre os dois saltam imediatamente à vista. Enquanto o segundo se propõe a fazer o público romano conhecer diversos aspectos e posições do pensamento filosófico grego, sem aderir a uma escola filosófica específica, ou no máximo tomando equilibradamente sua posição do probabilismo acadêmico, Sêneca é declaradamente um estoico, ainda que capaz de apreciar as contribuições de outros pensadores, incluindo o frequentemente maltratado Epicuro.

É certamente exagerada a posição²⁶ de quem afirma que Sêneca, embora conhecendo as obras filosóficas ciceronianas, não as cite nunca. É muito possível, por exemplo, que certas referências de Sêneca se originem do perdido *Hortensius*²⁷. Mais exata e equilibrada é a conclusão de Claudio Moreschini (1977, p. 528), segundo o qual Cícero filósofo, ainda que não seja uma fonte em sentido estrito, foi lido e pensado por Sêneca. Moreschini defende que o primeiro livro do *De Ira* se apoia no quarto das *Tusculanae Disputationes* (1977, p. 528-531) e assinala alguns paralelos convincentes entre o *Laelius* de Cícero e a Epístola 9 a Lucílio (1977, p. 532)²⁸. Um famoso texto ciceroniano, o *Somnium Scipionis*, é evidentemente tido como presente em Sêneca em duas obras que se colocam nos extremos cronológicos de sua atividade literária: o final escatológico da *Consolatio ad Marciam* e o célebre prefácio ao primeiro livro das *Naturales*

²⁵ Sen. *Tranq.* 11, 4: *gladiatores, ita ait Cicero (Cic. Mil. 92), invisos habemus, si omni modo vitam impetrare cupiunt: favemus, si contemptum eius prae se ferunt.*

²⁶ Atribuída a Gambet (1970, p. 172). Naturalmente também Gambet (1970, p. 173) discute a citação do *De Re Publica* em Sen. *Ep.* 108, 30-34 e adiciona algumas perífrases senequianas de passagens ciceronianas.

²⁷ Do *Hortensius* derivam provavelmente as citações de Sen. *Ep.* 17, 2: *necdum scis quantum ubique nos adiuvet [philosophia], quemadmodum et in maximis, ut Ciceronis utar verbo, 'opituletur'; e de Sen. ep. 49.5 negat Cicero, si duplicetur sibi aetas, habiturum se tempus, quo legat lyricos.*

²⁸ Particularmente persuasiva a seguinte aproximação: Sen. *Ep.* 9, 17: *quomodo solitudinis odium est et adpetitio societatis, quomodo hominem homini natura conciliat, sic inest huic quoque rei stimulus qui nos amicitiarum adpetentes faciat; Cic. Lael. 19-20: ita natos esse nos ut inter omnes esset societas quaedam... ex infinita societate generis humani, quam conciliavit ipsa natura.*

Quaestiones, onde os motivos de Cícero são retomados e transformados com base nas exigências e perspectivas senequianas, como creio haver mostrado em um trabalho anterior²⁹.

Embora Sêneca mostre inequivocamente conhecer toda a produção filosófica ciceroniana³⁰, o *De Re Publica*, de onde o *Somnium Scipionis* constituía o célebre final, devia parecer-lhe a principal obra filosófica de Cícero. É significativo que a cite para exemplificar em relação a essa as diversas aproximações ao texto do gramático, do filólogo e do filósofo, em uma carta a Lucílio de capital importância: a 108 (Sen. *Ep.* 108, 30-34). Ali aparece com clareza o já indicado motivo pelo qual o eclético Cícero não pôde constituir-se uma fonte em sentido próprio para um estoico declarado como Sêneca. A única aproximação ao texto por ele reconhecida como válida é a do filósofo, mas, a seu modo de ver, este último não tem como não se espantar com o longo discurso em defesa da injustiça que se encontra na obra ciceroniana³¹. A referência é evidentemente ao discurso de Filo no terceiro livro do *De Re Publica* (Cic. *Rsp.* III 8-28)³², mas o que mais impressiona é que o filósofo aqui aludido por Sêneca é um doutrinário imbuído de rígida intransigência, e não um intelectual de amplas ideias aberto às posições de todas as tendências. É possível que Sêneca espelhe algumas das críticas difundidas em seu tempo por Dídimos de Alexandria contra o *De Re Publica*³³, mas é evidente que a mesma censura poderia ser aplicada a qualquer escrito que desse espaço aos argumentos dos adversários, a partir da *República* de Platão. Em suma, o que vem realçado é a posição teórica não rigorosamente e univocamente estoica de Cícero, que corresponde para Sêneca, podemos crer, ao seu comportamento pessoal não estoico acima apontado. Assim como essa posição impedia de colocar o orador entre os modelos éticos exemplares, ela também não permite a Sêneca a utilização de Cícero como fonte de suas obras filosóficas. Os escritos do nosso filósofo propõem-se de fato a ser o preciso escopo prático para guiar o leitor na via do melhoramento moral segundo a linha mestra indicada pelo estoicismo, cuja validade é aceita por ele de maneira incondicional e inequívoca.

Seguramente, a autoridade de Cícero como clássico latino da literatura filosófica é indiscutível inclusive para Sêneca, que não pode não considerá-lo o maior expoente latino desse gênero literário, acima de Asínio Polião, Tito Lívio

²⁹ Para ambos os textos e a relação com o *Somnium Scipionis*, cf. Setaioli, 2000, p. 296-299 e 312 respectivamente. Ali é discutida também a bibliografia relacionada.

³⁰ Sen. *Ep.* 100, 9: *Ciceronem, cuius libri ad philosophiam pertinentes paene totidem sunt quot Fabiani.*

³¹ Sen. *Ep.* 108, 30 *philosophus admiratur contra iustitiam dici tam multa potuisse.*

³² As palavras senequianas citadas na nota precedente se relacionam provavelmente a *rep.* 3.8 *si ea dixeris quae contra iustitiam dici solent...*

³³ Como levanta a hipótese Gambet (1970, p. 173, n. 8); cf. Amm. Marc. 22.16.16; Sud. *s.v.* *Tránkyllós* (IV, p. 581, 21-22 Adler).

e Papírio Fabiano (Sen. *Ep.* 100, 9).³⁴ E do ponto de vista formal o exemplo de Cícero é um aval importante para um procedimento como a tradução métrica de alguns versos gregos de Cleantes de Assos, que Sêneca apresenta em uma carta³⁵. Mas no mesmo momento em que lembra o exemplo do predecessor para justificar sua própria conduta, coloca em relevo o seu afastamento, inclusive formal, do modo de proceder daquele: enquanto em Cícero filósofo a tradução métrica de versos gregos é prática corrente, em Sêneca trata-se, ao contrário, de um fenômeno absolutamente excepcional, que ele sente a necessidade de justificar apelando ao precedente ciceroniano (Mazzoli 1970, p. 80-81; Setaioli, 1988, p. 68-70). Ele mostra ter consciência da distância ora acenada pelos seus escritos filosóficos em relação aos de Cícero: diferenças consequentes disso, também formais, aparecem desse modo como o resultado de uma escolha precisa, consciente.

Um critério confiável para avaliar a postura de Sêneca em relação à obra filosófica ciceroniana seria a verificação de sua terminologia técnica, principalmente a tradução dos termos gregos, comparada com a do predecessor. Seguramente, não é possível desconhecer o papel fundamental representado por Cícero na criação de um vocabulário filosófico latino, e tampouco pode ser negada a consciência que Sêneca tinha disso. Não faltam casos onde ele expressamente recorre à autoridade do predecessor para justificar o emprego deste ou daquele termo, que poderia soar mal aos ouvidos de um purista. Mas também nestas ocasiões ele mostra considerar a terminologia ciceroniana precária e não definitiva. Reconhece, por exemplo, que a melhor tradução latina do termo grego *sophismata* é a proposta por Cícero: *cavillationes*; mas observa, ao mesmo tempo, que nenhum termo latino é capaz de se impor e de ser universalmente aceito³⁶. E, em outro lugar, a propósito da metafísica platônica, recorre com um longo preâmbulo à autoridade ciceroniana para reivindicar a permissão de empregar o termo *essentia* como tradução do grego *ousía*; porém, em seguida, renuncia a usá-lo, como ele já havia deixado a entender implicitamente que faria desde o começo³⁷.

³⁴ Cf. Setaioli, 2000, p. 202-205. Sêneca pode também reportar-se a Cícero filósofo para endossar certas tendências próprias: cf. Sen. *Ep.* 49, 5: *negat Cicero, si duplicetur sibi aetas, habiturum se tempus, quo legat lyricos; eodem loco <pone> dialecticos: tristius inepti sunt.*

³⁵ Sen. *Ep.* 107, 10: *si placuerint, boni consules; si displicuerint, scies me in hoc secutum Ciceronis exemplum.* Para a passagem e os numerosos problemas colocados pela tradução senequiana, cf. Setaioli, 1988, p. 70-82.

³⁶ Sen. *Ep.* 111, 1: *quid vocentur Latine sophismata quaesisti a me. Multi temptaverunt illis nomen imponere, nullum haesit... Aptissimum tamen videtur mihi quo Cicero usus est: 'cavillationes' vocat.*

³⁷ Sen. *Ep.* 58, 6: *'quid sibi' inquis 'ista praeparatio vult? quo spectat?' Non celabo te: cupio, si fieri potest, propitiis auribus tuis 'essentiam' dicere; si minus, dicam et iratis. Ciceronem auctorem huius verbi habeo, puto, locupletem; si recentiore quaeris, Fabianum, disertum et elegantem, orationis etiam ad nostrum fastidium nitidae. Quid enim fiet, mi Lucili? quomodo dicitur οὐσία,*

A afirmação muito repetida de que Sêneca se serve com naturalidade e desenvoltura do léxico filosófico criado por Cícero³⁸ contém uma parte de verdade, mas deveria ser revista e verificada com base em uma pesquisa comparativa pontual da terminologia técnica dos dois autores, que não existe até hoje, embora existam alguns trabalhos parciais úteis³⁹. Algumas sondagens por mim conduzidas me levam a entender que Sêneca, ainda que obviamente pressuponha e utilize a contribuição ciceroniana, esteja longe de considerar definitivamente fixado o vocabulário filosófico latino (Setaioli 1971, p. 232. 238-248; id., 1988, p. 36-37). Para um setor lexical de particular interesse, a tradução dos termos gregos com *ἀ-* restritivo inicial, é seguramente possível, com base em uma pesquisa detalhada realizada anteriormente⁴⁰, que Sêneca prossiga na estrada indicada por Cícero de maneira em geral autônoma e pelo menos em parte original. É lícito supor que, recorrendo à autoridade ciceroniana para renunciar sucessivamente a contar com ela (como faz com o termo *essentia*), ele intenda evidenciar também deste ponto de vista a diferença entre sua obra filosófica e a do predecessor. Ele mesmo sublinha, nesse contexto, que o estilo de Cícero não corresponde mais ao gosto contemporâneo (Sen. *Ep.* 58, 6: *si recentiorem quaeris*; cf. *supra* n. 37); e não será por acaso que Quintiliano, grande admirador do Arpinate, atribua em três passagens a cunhagem de *essentia*, termo cuja dissonância ao ouvido latino ele confirma, não a Cícero, mas ao estoico Sérgio Plauto (Quint. II 14, 2; III 6, 23; VIII 3, 33), um escritor considerado útil apenas pelo conhecimento da doutrina do estoicismo, com exclusão de qualquer mérito estilístico e literário (Quint. X 1, 124).

4. O ESTILO CICERONIANO

Com este último ponto, tocamos no problema da vestimenta literária dada por Cícero à sua prosa filosófica (e não filosófica). Já observamos que Sêneca não pôde não reconhecer-lhe a primazia também nesse aspecto. Com efeito, à expressão estilística e literária se refere em primeiro lugar o texto acima citado, no qual o Cordovês estabelece uma hierarquia de valores, colocando em ordem os escritos filosóficos de Cícero, Asínio Polião, Tito Lívio e Papírio Fabiano (Sen. *Ep.* 100, 9; cf. *supra* n. 34). E, todavia, a opinião de Sêneca sobre o estilo

res necessaria, natura continens fundamentum omnium? Rogo itaque permittas mihi hoc verbo uti. Nihilominus dabo operam ut ius a te datum parcissime exerceam; fortasse contentus ero mihi licere.

³⁸ Assim diz Moreschini (1977, p. 528); mas cf. também Gambet, 1970, p. 173-174; Griffin, 1988, p. 135-136.

³⁹ A única pesquisa comparativa da terminologia filosófica de Cícero e de Sêneca é a antiga dissertação de Fischer (1914). Para a terminologia filosófica senequiana em geral, cf. Pittet, 1934; id. 1937 (incompleto); Borgo, 1998 (apenas sobre a terminologia ética). De grande interesse é Armisen-Marchetti, 1996.

⁴⁰ Setaioli, 1989; agora em Setaioli, 2000, p. 97-109.

ciceroniano, ainda que lhe atribua o valor e a dignidade de clássico reconhecido, o apresenta como um fenômeno datado, e não como um modelo objetivamente e universalmente válido, como fará o seu adversário Quintiliano na geração seguinte. O nosso filósofo dá indubitavelmente provas de um admirável senso histórico, mas ao mesmo tempo também supõe, no confronto implícito com o seu gosto e sua prática, a postura de *aemulatio* nos confrontos com Cícero que já encontramos mais vezes, primeiramente na configuração de sua *Consolatio* à mãe em relação à obra consolatória composta por Cícero, e depois na epistolografia a Lucílio com relação à ciceroniana a Ático, e por fim no recurso à autoridade do predecessor no que diz respeito às traduções poéticas e à terminologia técnica – recurso que na verdade define a distância entre sua obra e a do Arpinate. Em referência precisa ao estilo ficará evidente que a emulação de Sêneca tende não só e não tanto em superar o predecessor em seu próprio terreno, mas a renovar radicalmente a expressão em harmonia com o novo gosto e com as novas tendências.

O filósofo não nega que em seu tempo Cícero gozou de primazia a tal ponto que obscureceu todos os outros⁴¹ e não pode não reconhecer que ele representa a fonte da eloquência nacional⁴². Ele expressa esse tributo de estima em um contexto onde o confronto sempre presente entre a oratória grega e a latina está em primeiro plano. O elogio direcionado a Cícero se colore, de um lado, do orgulho nacionalista do romano que pode enfim contrapor aos modelos gregos um clássico na própria língua: Cícero é chamado de *noster* por Sêneca com a mesma nuance de significado com a qual atribui várias vezes o mesmo possessivo a Virgílio, reconhecido então como poeta nacional (Setaioli, 1965, p. 155-156); de outro, é reconhecido o mérito de Cícero de haver respeitado a índole e o espírito da língua latina, que não admite os caprichos do grego, segundo um conceito atestado frequentemente também em outros lugares, no próprio Sêneca e em outros autores (Setaioli, 1988, p. 14-16).

Veremos em breve que já nesse contexto está implícita uma reserva não secundária nos confrontos com o estilo ciceroniano; mas primeiro é necessário chamar a atenção sobre o fato de que em Sêneca o próprio reconhecimento dos inquestionáveis dotes oratórios de Cícero se colore várias vezes de uma luz de ambiguidade. O Arpinate é chamado de *vir disertissimus* não somente no texto onde vem invocado o seu exemplo para justificar a tradução métrica dos versos de Cleantes de Assos⁴³, mas também onde vêm criticados os conteúdos das cartas

⁴¹ Sen. *Nat.* II 56, 1: *Caecinam... facundum virum et qui habuisset aliquando in eloquentia nomen, nisi illum Ciceronis umbra pressisset.*

⁴² Sen. *Ep.* 40, 11: *quaedam tamen et nationibus puto magis aut minus convenire; in Graecis hanc licentiam tuleris: nos etiam cum scribimus interpungere solemus. Cicero quoque noster, a quo Romana eloquentia exiit, gradarius fuit.*

⁴³ Sen. *Ep.* 107, 10: *versibus disertissimis... quos mihi in nostrum sermonem mutare permittitur Ciceronis, disertissimi viri, exemplo.*

a Ático, que, com toda sua eloquência, o orador não soube preencher senão com ninharias e pequenezas, pedindo inclusive ao amigo que fizesse o mesmo⁴⁴. E chamando-o de *summus orator*, Sêneca insinua que Cícero se valeu de sua habilidade advocatícia para fazer passar por boa a sua poesia pobre⁴⁵.

Tornando à opinião sobre o estilo do Arpinate expresso no contexto onde o orador é mencionado como fonte da eloquência nacional (Sen. *Ep.* 40, 11; cf. *supra* n. 42), não pode escapar-nos a afirmação que seu estilo se move passo a passo (*gradarius*). Se essa qualidade pode ser considerada positiva no confronto com a caprichosa rapidez do filósofo grego Serapião, contemporâneo de Sêneca, que é criticado nessa epístola, na observação de Sêneca é, contudo, implícita uma avaliação do estilo ciceroniano que em outras passagens assume uma inequívoca nuance negativa. Refiro-me à acusação de lentidão que, juntamente à de uniformidade e de falta de tensão, é uma constante na posição de Sêneca em relação ao estilo ciceroniano. Estas críticas são formuladas com clareza em duas passagens das *Epistulae ad Lucilium* perfeitamente correspondentes em substância, se não em tom⁴⁶. Em ambas é constatada a existência de diversas tendências estilísticas, manifestadas de acordo com os gostos e com as épocas; a de Cícero, longe de ser um modelo válido em absoluto, não é mais que uma entre muitas⁴⁷. Na segunda passagem (na Epístola 114), os modelos estilísticos elencados parecem caracterizados como desvios de uma norma abstrata absoluta em validade (para descrevê-las, Sêneca se serve do verbo *peccare*). Nota-se aqui um resíduo do intelectualismo estoico, que admitia a existência de um modo de exprimir-se ‘natural’ (no sentido de correspondente à natureza, *physis*), que

⁴⁴ Sen. *Ep.* 118, 1: *nec faciam quod Cicero, vir disertissimus, facere Atticum iubet, ut etiam ‘si rem nullam habebit, quod in buccam venerit scribat’* (Cic. *Att.* I 12, 4).

⁴⁵ Sen. *apud* Gell. XII 2, 5: *nisi forte Cicero, summus orator, agebat causam suam et volebat suos versus videri bonos.*

⁴⁶ Leeman (1963, v. I, p. 275-276; cf. também Mazzoli, 1970, p. 81, que todavia sublinha justamente a afinidade das duas avaliações) acentua excessivamente a meu ver a diferença entre essas duas passagens. O tom é sem dúvida diferente, mas a opinião sobre o estilo de Cícero permanece no fundo a mesma. A diferença é a mesma daquela acima indicada, no texto. É verdade que a lentidão, que aparecia como um mérito em contrapartida ao defeito oposto (a rapidez de Serapião), revela-se como um dos excessos a ser evitado em uma perspectiva crítica mais ampla.

⁴⁷ Sen. *Ep.* 100, 6-7: *adice nunc quod de compositione non constat: quidam illam volunt esse ex horrido comptam, quidam usque eo aspera gaudent ut etiam quae mollius casus explicuit ex industria dissipent et clausulas abrumpant ne ad expectatum respondeant. Lege Ciceronem: compositio eius una est, pedem curvat lenta et sine infamia mollis. At contra Pollionis Asinii salebrosa et exiliens et ubi minime expectes relictura. Denique omnia apud Ciceronem desinunt, apud Pollionem cadunt; 114, 15-6: *ad compositionem transeamus. Quot genera tibi in hac dabo quibus peccetur? Quidam prae fractam et asperam probant; disturbant de industria si quid placidius effluxit; nolunt sine salebra esse iuncturam; virilem putant et fortem quae aurem inaequalitate percutiat. Quorundam non est compositio, modulatio est; adeo blanditur et molliter labitur. Quid de illa loquar in qua verba differuntur et diu expectata vix ad clausulas redeunt? Quid illa in exitu lenta, qualis Ciceronis est, devexa et molliter detinens nec aliter quam solet ad morem suum pedemque respondens?**

é o único válido, uma vez que as leis da natureza correspondem à da razão universal, o *lógos* dos estoicos. Em Sêneca, encontram-se notáveis traços disso, que ilustrei em detalhe em outro lugar (Setaioli, 2000, p. 155-158); ele implica, por exemplo, que há uma única maneira ‘natural’ de dispor as palavras⁴⁸. Unindo-se aos preceitos normativos das escolas de retórica, esse conceito incumbia-se de postular a existência de um modo abstrato de escrever que é *a priori* o melhor. Como creio ter demonstrado em outro lugar⁴⁹, Sêneca soube felizmente libertar-se desse preconceito herdado de sua formação tanto filosófica como retórica, para chegar a um conceito de extraordinária modernidade, que dá grande espaço à personalidade artística individual e à situação histórica e cultural, inclusive se certos traços de ambiguidade permanecem perceptíveis na terminologia. Por exemplo, o termo *vitium* (aproximável ao verbo *peccare* mencionado acima) continua sendo empregado pelo filósofo para indicar o distanciamento da regra, inclusive quando é causado pela originalidade artística e criativa, e consequentemente reconhecido por Sêneca como mérito peculiar do escritor que se afasta da norma para seguir seu gênio pessoal (Setaioli, 2000, p. 173-176). Também na passagem que estivemos discutindo é provável que o verbo *peccare* não implique mais a existência de uma regra de validade absoluta e que indique simplesmente a não correspondência com o gosto pessoal de Sêneca.

Isso é confirmado em outra passagem, que se encontra em uma carta um pouco anterior, a carta 100. Esta se abre com uma declaração de cunho evolucionista: *adice nunc quod de compositione non constant* (“acrescenta que não há acordo acerca da composição literária”, ou seja, a maneira de dispor artisticamente as palavras, o estilo)⁵⁰. Não existe, portanto, uma norma estilística capaz de colocar todos em acordo: nem a importada da retórica estoica nem tampouco o modelo ciceroniano. Isso assinala somente um momento de evolução e aparece a Sêneca inequivocamente datado, privado que é de energia nervosa (*mollis*, apesar de *sine infamia*, e *molliter detinens*, respectivamente, nas duas passagens das *Epistulae*), lento (o adjetivo *lenta* recorre em ambos os textos) e uniforme (*compositio eius una est* na primeira passagem; *nec aliter quam solet ad morem suum pedemque respondens* na segunda).

É evidente que estas características detectadas por Sêneca no estilo ciceroniano eram muito diferentes de seu gosto e de sua prática. À luz desse testemunho do filósofo, é possível compreender as afirmações de Quintiliano e de Suetônio, seguramente viciadas por um preconceito malévolos nos confrontos com Sêneca, segundo os quais ele teria atacado os escritores precedentes (leia-se

⁴⁸ Sêneca louva Fabiano porque em seus escritos as palavras não são *contra naturam suam posita et inversa* (Sen. *Ep.* 100, 5).

⁴⁹ Setaioli, 1985; agora em Setaioli, 2000, p. 111-217 (com os *Aggiornamenti*, p. 397-408).

⁵⁰ Cf. também Sen. *Ep.* 114, 13: *adice nunc quod oratio certam regulam non habet*; cf. Setaioli, 2000, p. 162-164.

Cícero) e teria proibido os discípulos de sua leitura, porque ele seria ciente do fato de que, se os alunos admirassem Cícero, não poderiam apreciar o modo senequiano de escrever⁵¹. Que Sêneca fosse ciente de sua novidade em relação a Cícero e da incompatibilidade entre a tendência estilística colocada em voga por ele e aquela representada por seu predecessor corresponde sem dúvida à verdade. A malevolência de Quintiliano e Suetônio é perfeitamente compreensível à luz da última mudança de moda, aquela *consuetudo* que, segundo as próprias palavras de Sêneca, mudam continuamente (Sen. *Ep.* 114, 13: *numquam in eodem diu stetit*). De resto, com base nas ideias evolucionistas e quase ‘historicizantes’ do nosso filósofo, era inevitável que ele mesmo, como já acontecera com Cícero, fosse destinado cedo ou tarde a ser superado, inclusive independentemente das tentativas de recuperação do modelo ciceroniano e dos arcaicos colocadas nas obras nas gerações sucessivas. Tácito afirmava, com efeito, que o *ingenium* de Sêneca – diríamos hoje sua personalidade, que resulta em primeira instância de suas obras – era conforme o gosto de sua época⁵². O Cordovês poderia no fundo estar de acordo; nisso, não diferia das ideias expressas pelo modernista Apro no *Dialogus de Oratoribus*: o estilo literário segue (e deve seguir) a evolução dos tempos⁵³.

Para Sêneca, outro motivo de aversão contra o estilo ciceroniano era a retomada por parte do orador dos elementos arcaicos, especialmente de matriz eniana. Sobre isso nos informa em primeira instância um excerto de uma carta a Lucílio que esteve perdida, mas foi conservada nas *Noctes Atticae* de Aulo Gélcio⁵⁴. Inclusive nesse quesito o Cordovês dá provas de um admirável senso histórico, especificando que mais que um defeito do orador se tratava de uma característica de sua época⁵⁵; mas isso não impede que esse componente não faça mais que acrescentar a distância que o separa do modelo estilístico ciceroniano, que até por isso não pode deixar de ser ainda mais datado e superado.

Com notável objetividade, Sêneca observa não só que na prosa do Arpinate o elemento arcaizante de matriz eniana era inevitável à sua época, mas também que não era no fundo mais do que um compromisso com os gostos do público, e

⁵¹ Quint. X 1, 126: [*Senecam*] *potioribus praeferrere non sinebam, quos ille non destiterat incessere, cum diversi sibi conscius generis placere se in dicendo posse, quibus illi placerent, diffideret*; Suet. *Ner.* 52: [*Neronem avertit*] *a cognitione veterum oratorum Seneca praeceptor, quo diutius in admiratione sui detineret*.

⁵² Tac. *Ann.* XIII.3 : *ut fuit illi viro ingenium amoenum et temporis eius auribus accommodatum*.

⁵³ Tac. *Dia.* 18, 2: *mutari cum temporibus formas quoque et genera dicendi* (e todo o capítulo); 19, 2: *cum condicione temporum et diversitate aurium formam quoque et speciem orationis esse mutandam*.

⁵⁴ Trata-se de um extrato de uma carta do perdido livro XXII das *Epistulae ad Lucilium* em Gell. XII 2, 2-13. Sobre esse texto, cf. Setaioli, 2000, p. 222-223.

⁵⁵ Sen. *apud* Gell. XII 2, 8: *non fuit... Ciceronis hoc vitium sed temporis; necesse erat haec dici, cum illa legerentur*.

não era, portanto, realmente estrutural na escritura prosaica do orador⁵⁶. Ainda que seja por meio de todas as reservas mencionadas, o excerto de Aulo Gélío permite entrever que Sêneca reconhecia de Cícero os resultados para seus tempos novos e originais na prosa, que todavia devia fazer aprovar com a inserção de elementos arcaizantes destinados a agradar um público de gostos atrasados. Até mesmo Virgílio, sobre cuja originalidade e grandeza Sêneca não tem dúvidas, foi coagido por seu juízo a conservar alguns elementos da antiga aspereza eniana para não desorientar o *Ennianus populus* constituído por seus leitores⁵⁷.

Igualmente reveladora é a crítica sem dó a Cícero poeta, pronunciada por Sêneca no mesmo contexto, com uma formulação não privada de malignidade, que permite entender com absoluta clareza as motivações pessoais pelas quais o Cordovês se associa à opinião negativa quase universal sobre a obra ciceroniana em versos⁵⁸. A insinuação que já realçamos (cf. *supra* n. 45), segundo a qual a evidente admiração por Ênio não é mais do que um expediente advocatício do *summus orator* Cícero para creditar como válida a sua poesia⁵⁹, equivale à afirmação de que, diversamente da prosa, nos versos ciceronianos a componente eniana permanece essencial e estrutural. Não só: desse modo subentende-se que o próprio orador, fosse devido à livre escolha ou à incapacidade poética, tinha plena consciência desse estado de coisas, de modo a abundar em elogios aos versos de Ênio na medida em que repercutiriam veladamente nos seus próprios versos. Sêneca não reconhece a função de Cícero poeta de elo entre a poesia arcaica e a clássica que muitos leitores modernos lhe atribuem (Mazzoli, 1970, p. 213); a seu ver, ele não soube renovar a tradição eniana e conseqüentemente a sua poesia era já ultrapassada no momento em que foi composta⁶⁰, enquanto a sua prosa significou um ápice novo e original para seu tempo, que somente à luz da evolução sucessiva haveria de ser superado.

⁵⁶ Gell. XII 2, 9: *deinde adscribit Ciceronem haec ipsa interposuisse ad effugiendam infamiam nimis lascivae orationis et nitidae.*

⁵⁷ Sen. *apud* Gell. XII 2, 10: *Vergilius quoque noster non ex alia causa duos quosdam versus et enormes et aliquid supra mensuram trahentis interposuit quam ut Ennianus populus adgnosceret in novo carmine aliquid antiquitatis.*

⁵⁸ Para o coro de condenação de Cícero poeta, cf. Mazzoli, 1970, p. 213

⁵⁹ Sen. *apud* Gell. XII 2, 4: *admiror eloquentissimos viros et deditos Ennio pro optimis ridicula laudasse. Cicero certe inter bonos eius versus et hos refert. 5 ... Non miror... fuisse qui hos versus scriberet, cum fuerit qui laudaret; nisi forte Cicero, summus orator, agebat causam suam et volebat suos versus videri bonos.*

⁶⁰ Não é à toa que em outro lugar Sêneca recorda com ironia a poesia de Cícero junto com a de Ênio; cf. Sen. *De ir.* III 37, 5: *ergo te Ennius, quo non delectaris, odisset... et Cicero, si derideres carmina eius, inimicus esset.*

CONCLUSÃO

Em conclusão, é possível afirmar que, ainda que o filósofo de Córdoba reconheça a grandeza de Cícero, este não é para aquele um dos *maximi viri* com os quais a *reverentia* de Lucílio e a *verecundia* de Políbio hesitavam em entrar em concorrência⁶¹. A *aemulatio* particular de Sêneca nos confrontos com o Arpinate, por outro lado, reúne perspectivas e ângulos diversos: uma aproximação de maior novidade e virtuosismo na configuração da obra consolatória à mãe; conteúdos mais sérios e engajados na epistolografia, de acordo com a convenção frequentemente repetida da proeminência das *res* sobre as *verba* (Setaioli, 2000, p. 116); ao nível estilístico, não tanto o esforço para superar literariamente o modelo – aquilo que Políbio e Lucílio não se atreviam a ter como meta – quanto o bem mais revolucionário propósito de renovar radicalmente o código expressivo.

Excluindo qualquer ponto polêmico originado pela diferença do gosto pessoal, pode-se, de qualquer modo, afirmar que no geral a opinião senequiana sobre Cícero escritor é bastante objetiva e, na proclamação leal e aberta de um projeto estilístico e literário totalmente diverso, o retrato que dele faz o filósofo é certamente menos esquemático e menos rígido do que o proposto por aqueles que, na geração seguinte, se prestam a conferir ao estilo do Arpinate um valor normativo universal e absoluto.

⁶¹ Cf. Sen. *Ep.* 79, 7 : *iam cupis grande aliquid et par prioribus scribere. Plus enim sperare modestia tibi tua non permittit, quae tanta in te est ut videaris mihi retracturus ingenii tui vires si vincendi periculum sit: tanta tibi priorum reverentia est; Pol. 2.6 quamdiu fuerit ullus litteris honor... vigebit cum maximis viris quorum se ingeniis vel contulit vel, si hoc verecundia eius recusat, adplicuit.* Cf. Setaioli, 2000, p. 201-202.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMISEN-MARCHETTI, M. “La langue philosophique de Sénèque: entre technicité et simplicité”, *Antike und Abendland* 42, 1996, 76-84.
- BORGO, A. *Lessico morale di Seneca*, Napoli 1998.
- FICCA, F. *Remedia doloris. La parola come terapia nelle “Consolazioni” di Seneca*, Napoli 2001.
- FISCHER, R. *De usu vocabulorum apud Ciceronem et Senecam Graecae philosophiae interpretes*, Diss. Freiburg i. Br. 1914.
- GAMBET, D. G. “Cicero in the Works of Seneca Philosophus”, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 101, 1970, 171-183.
- GRIFFIN, M. “Philosophy for Statesmen: Cicero and Seneca”, *Gymnasium Beihefte* 9. *Antikes Denken - Moderne Schule*, Heidelberg 1988, 133-150.
- GRIMAL, P. “Sénèque juge de Cicéron”, *Mélanges de l'École Française de Rome* 94, 1984, 655-670.
- LAVERY, G. B. *Cicero's Reputation in the Latin Writers from Augustus to Hadrian*, Diss. New York 1965 (microfilm).
- LEEMAN, A. D. *Orationis Ratio. The Stylistic Theories and Practice of the Roman Orators Historians and Philosophers*, I-II, Amsterdam 1963.
- MARTÍN SÁNCHEZ, M. A. F. “Cicerón en Séneca: las citas del pensador cordobés sobre el orador romano”, *Myrtia* 4, 1989, 117-125.
- MAZZOLI, G. *Seneca e la poesia*, Milano 1970.
- MORESCHINI, C. “Cicerone filosofo fonte di Seneca?”, *Rivista di Cultura Classica e Medioevale* 19, 1977 = *Miscellanea di Studi in Memoria di Marino Barchiesi*, II, 527-534.
- PITTET, A. “Notes sur le vocabulaire philosophique de Sénèque”, *Revue des Études Latines* 12, 1934, 72-83.
- . *Vocabulaire philosophique de Sénèque (1e livraison)*, Paris 1937.
- SETAIOLI, A. “Esegesi virgiliana in Seneca”, *Studi Italiani di Filologia Classica* 37, 1965, 133-156.
- . *Teorie artistiche e letterarie di L. Anneo Seneca*, Bologna 1971.
- . “On the Date of Publication of Cicero's Letters to Atticus”, *Symbolae Osloenses* 51, 1976, 105-120.
- . “Seneca e lo stile”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II 32, 1985, 776-858.
- . *Seneca e i Greci. Citazioni e traduzioni nelle opere filosofiche*, Bologna 1988.
- . “La resa dell' ἄ-privativo nella prosa filosofica senecana”, in:

Mnemosynum. Studi in onore di A. Ghiselli, Bologna 1989, 521-532.

———. “La vicenda dell’anima nella *Consolatio* di Cicerone”, *Paideia* 54, 1999, 145-174.

———. *Facundus Seneca. Aspetti della lingua e dell’ideologia senecana*, Bologna 2000.

———. *Arbitri Nugae. Petronius’ Short Poems in the Satyrice*, Frankfurt 2011.

TRAINA, A. *Seneca. La brevità della vita*, Torino 1972.

Tradução de
Pedro Baroni Schmidt
Universidade Federal do Rio de Janeiro